

Formato de Impressão da Submissão

- | | |
|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Identificação | |
| <input checked="" type="checkbox"/> Descrição e Estrutura | <input checked="" type="checkbox"/> Plano de Ação |
| <input checked="" type="checkbox"/> Caracterização | <input checked="" type="checkbox"/> Atividades |
| <input checked="" type="checkbox"/> Equipe | <input checked="" type="checkbox"/> Orçamento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Detalhamento | <input checked="" type="checkbox"/> Orçamento Detalhado Por Ano |
| <input checked="" type="checkbox"/> Anexos | <input checked="" type="checkbox"/> Orçamento Detalhado Por Categoria |
| <input checked="" type="checkbox"/> Questionários | <input checked="" type="checkbox"/> Orçamento Detalhado Por Itens de Memória |

[Consultar](#)
[Voltar](#)
[Imprimir](#)



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento



Visualização da Submissão

Identificação

Edital:	Chamada 12/2011 - Macroprograma 6
Macroprograma:	Macroprograma 6
Linha Temática:	P&D de Conhecimentos Apropriados. A questão básica de pesquisa deste tipo de projeto é: que conhecim
Tipo da Submissão:	Proposta
Estado da Submissão (na data de impressão - 02/02/2012):	aprovada com ajuste
Líder:	EDMAR RAMOS DE SIQUEIRA
Instituição do Líder(base corporativa):	Centro de Pesquisa Agropecuaria dos Tabuleiros Costeiros
Data da Criação:	01/09/2011
Código SEG:	
Título do Projeto:	Construção de conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural por meio de intercâmbios em redes sociais.
Sigla:	CCAT
Título em Inglês:	Agroecological knowledge building in territories of rural identity through exchanges in social networks.
Data de Início:	01/04/2012
Duração(meses):	36
Web Site:	
Palavras-chaves:	Agricultura familiar e agroecologia

Descrição e Estrutura

Resumo: A estratégia da construção do conhecimento agroecológico em redes, por ser um processo relativamente novo e importante para a transição agroecológica, requer, ainda, pesquisas e reflexões para ser mais bem compreendido. Partindo da concepção que os intercâmbios agroecológicos tornam os agricultores sujeitos do seu próprio desenvolvimento, por meio de processos participativos, coletivos e integradores, apresenta-se uma demanda de aprofundar o entendimento do método de forma a entender quais aspectos fazem avançar na construção desses conhecimentos e qual o papel dos extensionistas e pesquisadores nesse processo. Neste contexto, a pesquisa tem por objetivo potencializar o processo de construção do conhecimento agroecológico nas redes de agroecologia e identificar os “agricultores faróis”, sistematizando suas experiências e realizando intercâmbio entre os agricultores das redes e os faróis das respectivas redes.

Objetivo Geral: Potencializar o processo de construção do conhecimento agroecológico por meio de intercâmbios em redes de agroecologia em territórios de identidade rural.

- Objetivos Específicos:**
- 1. Identificar os(as) agricultores(as) que têm práticas agroecológicas de cultivo da terra no Território, denominados neste projeto “agricultores(as) faróis”.
 - 2. Sistematizar as experiências agroecológicas exitosas identificadas.
 - 3. Realizar intercâmbios entre os(as) agricultores(as) da rede de agroecologia do território e os(as) “agricultores(as) faróis”.
 - 4. Sistematizar a experiência de construção do conhecimento agroecológico em rede.

Metas

Meta: Identificar no mínimo quinze agricultores(as) com experiências agroecológicas consistentes.

Descrição: Serão identificados(as), no mínimo os quinze agricultores(as) componentes da rede de aprendizado do Território, que tenham práticas agroecológicas exitosas de cultivo da terra.

Previsão de Alcance: 6º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Quinze agricultores identificados.

Objetivos Específicos Relacionados: 1. Identificar os(as) agricultores(as) que têm práticas agroecológicas de cultivo da terra no Território, denominados neste projeto “agricultores(as) faróis”.

Meta: Ajustar em conjunto com os agricultores modelos de sistematização de experiências.

Descrição: Ajustar com contribuições dos(as) agricultores(as) a metodologia de sistematização de experiências.

Previsão de Alcance: 6º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Metodologia de sistematização consolidada.

Objetivos Específicos Relacionados: 2. Sistematizar as experiências agroecológicas exitosas identificadas.

Meta: Sistematizar experiências individuais dos(as) agricultores(as) faróis

Descrição: As trinta experiências identificadas serão, nesta fase, sistematizadas para visibilidade e difusão no Território.

Previsão de Alcance: 36º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Trinta experiências sistematizadas e publicadas na forma de boletins.

Objetivos Específicos Relacionados: 2. Sistematizar as experiências agroecológicas exitosas identificadas.

Meta: Tipificar as trinta experiências sistematizadas

Descrição: As experiências identificadas e sistematizadas serão tipificadas visando a sua inserção nos grupos de interesse.

Previsão de Alcance: 36º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Informações divulgadas nos boletins de divulgação das experiências sistematizadas.

Objetivos Específicos Relacionados: 2. Sistematizar as experiências agroecológicas exitosas identificadas.

Meta: Construir método de intercâmbio

Descrição: Será articulada a construção de um método para realização dos intercâmbios no âmbito da rede.

Previsão de Alcance: 6º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Método de intercâmbio construído.

Objetivos Específicos Relacionados: 3. Realizar intercâmbios entre os(as) agricultores(as) da rede de agroecologia do território e os(as) "agricultores(as) faróis".

Meta: Realizar intercâmbios para troca de experiências entre os(as) agricultores(as) da rede.

Descrição: Serão desenvolvidas as atividades relacionadas às visitas entre os(as) agricultores(as) para socialização e sensibilização das práticas agroecológicas visando difundir as experiências agroecológicas exitosas do Território.

Previsão de Alcance: 30º mês do projeto.

Indicador de Alcance: de Trinta intercâmbios realizados.

Objetivos Específicos Relacionados: 3. Realizar intercâmbios entre os(as) agricultores(as) da rede de agroecologia do território e os(as) "agricultores(as) faróis".

Meta: Integrar quinze novos agricultores(as) que tenham adotado práticas agroecológicas após intercâmbios.

Descrição: Após o início dos intercâmbios aqueles(as) agricultores(as) que até o final desse processo adotarem práticas agroecológicas nas suas propriedades serão objeto de um novo ciclo de intercâmbios.

Previsão de Alcance: 21º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Número de agricultores integrados ao grupo dos faróis.

Objetivos Específicos Relacionados: 3. Realizar intercâmbios entre os(as) agricultores(as) da rede de agroecologia do território e os(as) "agricultores(as) faróis".

Meta: Realizar o segundo ciclo de intercâmbios entre os agricultores da rede.

Descrição: Nesta fase serão intercambiadas as novas experiências identificadas ao longo do primeiro ciclo de intercâmbios.

Previsão de Alcance: 36º mês do projeto.

Indicador de Alcance: Quinze novos intercâmbios realizados.

Objetivos Específicos Relacionados: 3. Realizar intercâmbios entre os(as) agricultores(as) da rede de agroecologia do território e os(as) "agricultores(as) faróis".

Meta: Sistematizar as informações geradas no âmbito do projeto.

Descrição: Esta meta visa a organização e consolidação de todas as informações com o objetivo de ampliar a compreensão da construção do conhecimento agroecológico em redes.

Previsão de Alcance: 36º mês do projeto.

Indicador de Alcance: informações sistematizadas e publicadas em artigos técnico-científicos.

Objetivos Específicos Relacionados: 4. Sistematizar a experiência de construção do conhecimento agroecológico em rede.

Resultados

Tipo: Finalístico - Técnico -> Prática/processo agropecuário/Sistema de produção

Identificação: Experiências agroecológicas existentes no Território Sul Sergipano sistematizadas para visibilidade e ampliação de acesso.

Descrição: Serão identificadas e descritas em detalhes as iniciativas exitosas de cultivo agroecológico dos(as) agricultores(as) do território sul sergipano.

Quantidade: 15

Tipo: Finalístico - Científico -> Metodologia Científica

Identificação: Experiência sistematizada da construção do conhecimento agroecológico em redes por meio de intercâmbios entre agricultores.

Descrição: Serão identificadas e descritas as etapas pertinentes a um processo de construção do conhecimento agroecológico em redes em território de identidade rural.

Quantidade: 1

Tipo: Finalístico - Científico -> Metodologia Científica

Identificação: Metodologia refinada de construção do conhecimento agroecológico em redes por meio de intercâmbios entre agricultores no âmbito de territórios de identidade rural.

Descrição: Será contruída uma proposta metodológica adequada a um eficiente compartilhamento do conhecimento agroecológico no âmbito do território de identidade rural por meio de redes sociais.

Quantidade: 1

Caracterização

Natureza da Pesquisa

5) Pesquisa Fundamental - contempla avanço do conhecimento básico e elucidação de processos

Ecossistema

Áreas Costeiras

Floresta Atlântica

Público Alvo

Empreendimentos ou produtores rurais de base familiar e comunidades tradicionais

Grandes Temas

Desenvolvimento Rural Sustentável

Área de Conhecimento

Área	Subárea	Especialização	Disciplina
Ciências Agrárias	Agronomia	Extensão Rural	Extensão Rural

Cadeia Produtiva

Cadeia	Grande Grupo	Produto
Vegetal	Cereais/grãos	Milho
Vegetal	Cereais/grãos	Feijão
Vegetal	Cereais/grãos	Feijão vigna

Região de Abrangência

País	Região	UF
Brasil	Nordeste	
Brasil	Nordeste	Sergipe

Equipe

Nome ↕	Função ↕	Instituição ↕	E-mail ↕
EDMAR RAMOS DE SIQUEIRA	Líder Projeto, Responsável Atividade	Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros	EDMAR@CPATC.EMBRAPA.BR
EVELYNE COSTA CARVALHO	Responsável Atividade, Colaborador	INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária	evelyne.carvalho@aju.incra.gov.br
FERNANDO FLEURY CURADO	Responsável Plano de Ação, Colaborador	Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros	fcurado@cpatc.embrapa.br
Irene Maria Cardoso	Responsável Plano de Ação, Colaborador	Universidade Federal de Viçosa	irene@ufv.br
JOEZIO LUIZ DOS ANJOS	Colaborador	Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros	joezio@cpatc.embrapa.br
JOSE UBIRATAN REZENDE SANTANA	Responsável Atividade, Colaborador	Universidade Federal de Sergipe	birafloresta@yahoo.com.br
Jorge Enrique Montalván Rabanal	Responsável Atividade, Colaborador	Universidade Federal de Sergipe	rabanal80@gmail.com
LAURO RODRIGUES NOGUEIRA JUNIOR	Responsável Atividade, Colaborador	Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros	lauro@cpatc.embrapa.br
MARÍLIA ANDRADE FONTES	Responsável Atividade, Colaborador	Universidade Federal de Sergipe	marilia_fontes@yahoo.com.br
Pedro Zucon Ramos de Siqueira	Responsável Atividade, Colaborador	Universidade Federal de Sergipe	pedrozucon@gmail.com
Rita de Cássia Fagundes	Colaborador	Universidade Federal de Sergipe	ritafagundes@hotmail.com

Detalhamento

Caracterização do problema focado pelo projeto

Há algum tempo, experimentos, estudos e projetos agroecológicos têm se apresentado no estado de Sergipe, tendo por resultado trabalhos científicos, núcleos de estudo, pesquisa e redes sociais. Como também a troca do modelo produtivo por parte de alguns agricultores familiares, repletos de experiências inventivas que satisfazem as necessidades de produção, ambientais e sociais.

Essas experiências exitosas precisam crescer, se desenvolver e se multiplicar, de forma embasada e consistente. Vários são os esforços nesse sentido, ou seja, na tentativa de socializar e disseminar estilos produtivos de base ecológica que restabelecem uma relação harmoniosa entre a agricultura e o meio ambiente, e redesenhem os agroecossistemas por meio dos princípios agroecológicos.

Acredita-se na formação de redes como forma ideal de compartilhar essas experiências, que têm como metodologia a integração de pesquisadores, extensionistas e agricultores num esforço de pensar e praticar o método de socialização e adoção dos princípios agroecológicos, substituindo a convencional transferência de tecnologia.

A estratégia da construção do conhecimento agroecológico em redes, por ser um processo relativamente novo, e de fundamental importância para a transição agroecológica, requer, ainda, estudos e reflexões para elucidar esse método. A reflexão do seu processo pode proporcionar novas metodologias de ação para extensionistas e pesquisadores, assim como, novas ferramentas que facilitem o empoderamento dos agricultores na construção da agroecologia.

Para tal, torna-se necessário fazer com que o conhecimento construído nas redes e em menor escala, nas experiências locais dos agricultores tornem-se mais visíveis, e até mesmo, evite a sua diluição ao longo do tempo. A sistematização das experiências é, portanto, ferramenta fundamental nesse processo, que além de possibilitar um acervo de técnicas e reflexões teóricas, garante a valorização desse conhecimento para ser disseminado em diferentes regiões, contribuindo com a ampla socialização das experiências em agroecologia construídas localmente, e ainda hoje, retidas em pequenas ilhas de desenvolvimento agroecológico.

A política de desenvolvimento territorial, em Sergipe, possibilitou no território da cidadania Sul Sergipano a formação da rede social de aprendizado, formada por extensionistas, pesquisadores(as) e quinze pequenos agricultores(as) de comunidades e assentamentos pertencentes ao território. Nessa rede se organizam, constroem agricultura de base ecológica e buscam formas de difundir a prática agroecológica e de incorporar seus princípios. O Território Sul Sergipano, que tem sua identidade na cadeia produtiva da citricultura está localizado no bioma Mata Atlântica do Nordeste do Brasil e é um dos quatro territórios rurais de Sergipe sendo formado pelos municípios de Arauá; Boquim; Cristinápolis; Estância; Indiaroba; Itabaianinha; Itaporanga; Lagarto; Pedrinhas; Salgado e Santa Luzia.

Acredita-se que por meio dessa rede a construção do conhecimento agroecológico poderá ser potencializada ao fomentar a sistematização/reflexão das experiências dos agricultores e ao introduzir a metodologia “campesino a campesino”. Esta se baseia na transformação dos agricultores em técnicos extensionistas/pesquisadores que, em linguagem consoante aquela dos que fazem a visita, e tendo vivido a migração do sistema produtivo convencional para um estilo baseado em princípios agroecológicos, convencem pelo seu exemplo e pelo seu amor à terra.

Os intercâmbios apresentam-se como importantes ferramentas na construção do conhecimento agroecológico, visto que, congregam em um mesmo ambiente, sujeitos sociais dispostos a discutir, propor e desenvolver processos de inovações agroecológicas. A junção de agricultores, extensionistas e pesquisadores, fortalece o processo de troca de experiência entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento científico, pautado no objetivo comum de construir novos rumos para o desenvolvimento rural.

Partindo da concepção que os intercâmbios agroecológicos são estratégias de troca de conhecimento que tornam os agricultores sujeitos do seu próprio desenvolvimento, através de processos participativos, coletivos e integradores, fomenta-se uma demanda de aprofundar esse método de forma a entender quais aspectos fazem avançar na construção do conhecimento agroecológico e qual o papel dos extensionistas e pesquisadores nesse processo.

Espera-se com este projeto, contribuir com o processo de sistematização de experiências locais, possibilitando a socialização de tais experiências, refletir sobre as estratégias de construção do conhecimento em redes fazendo uso dos intercâmbios agroecológicos e auxiliar nas metodologias que fomentem a ação dos extensionistas e pesquisadores na construção do processo de transição agroecológica com os sujeitos locais.

Hipótese ou questões técnico-científicas

- Os intercâmbios agroecológicos proporcionam um campo estratégico de construção do conhecimento, que respeita as características culturais dos agricultores, proporcionando diálogos mais adaptados e mais fáceis de serem incorporados a suas práticas;
- As redes são eficientes instrumentos para compartilhar as inovações agroecológicas entre agricultores e destes com técnicos, assessores e pesquisadores;
- A sistematização de experiências vai além da simples documentação de uma prática, é uma ferramenta que leva à práxis, ou seja, a reflexão da ação.

Estado da arte

A agroecologia ao longo de sua evolução, vem expondo a necessidade de construir um novo enfoque acadêmico de se pensar o meio rural. Trazendo a tona reflexões metodológicas e conceituais sobre as dinâmicas dos agroecossistemas, sobre a relação social no campo, assim como, sobre a construção do conhecimento envolvendo o camponês e a academia.

É neste ambiente de busca de novos conhecimentos que nasce a agroecologia, como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a um processo de transição onde se almeja alcançar o desenvolvimento rural baseado na sustentabilidade (Caporal e Costabeber, 2004). A partir dos princípios da agroecologia, ferramentas e métodos de trabalho no campo estão sendo desenvolvidos, tendo como alicerce o respeito aos recursos naturais e ao conhecimento tradicional associado a esses recursos.

É baseada nessa nova perspectiva que o conceito da agroecologia vai sendo construído, demarcando um novo foco de necessidades humanas, orientando a agricultura à sustentabilidade no seu sentido multidimensional. Para tal, a agroecologia se materializa quando simultaneamente cumpre com os ditames da sustentabilidade econômica, ecológica, social, cultural, política e ética (Mattos et al, 2006).

A multidimensionalidade da agroecologia possibilita a inserção de diversas áreas do conhecimento no agir e pensar o campo brasileiro. Sua aplicação prática vem sendo verificada no ensino (universidades, centros tecnológicos), na pesquisa (institutos de pesquisa, empresas públicas), na extensão (ATES/ATER), em organizações não governamentais, nos movimentos sociais populares, em redes de conhecimento, nas experiências exitosas de agricultores familiares camponeses, etc. Ao passo que experiências em agroecologia vão se tornando visíveis em determinados meios, inicia-se um processo de internalização do conceito e consolidação dessas experiências.

Quando a existência de experiências positivas em agroecologia vem a tona, atrelada a elas vem a constatação de isolamento dessas experiências e/ou a necessidade de dar maior visibilidade as mesmas. A demanda emergente é a de dar escala as experiências exitosas, integrá-las e torná-las experiências “faróis”, que sejam referência na construção do conhecimento agroecológico.

Raras são as vezes que são dedicados tempo e esforço suficiente para sistematizar essas experiências, ou seja, para descrevê-las e analisá-las. Essas iniciativas podem estar ligadas a diversos temas como saúde, água, educação, manejo dos recursos naturais ou desenvolvimento da agricultura sustentável. Alguns resultados são claramente visíveis, outros, como no caso do manejo agroecológico dos recursos naturais e no processo de redesenho dos sistemas produtivos, os resultados são mais complexos, podem levar anos para serem realizados, envolver diversos atores e diferentes processos. Nesses casos os resultados não são imediatos e possuem um maior grau de incerteza, assim como, diferentes etapas de construção do conhecimento. Diante disso, é necessário que se tenha uma atitude flexível e reflexiva, disposta a avaliar frequentemente o que vem sendo experimentado, como vem sendo experimentado, e quais métodos vem ganhando destaque nesse processo (Chavez-Tafur, 2007).

A sistematização de experiências é uma recente etapa do processo de construção do conhecimento agroecológico, que se propõe a refletir sobre os trabalhos em campo, com a finalidade de melhor compreender os processos que estão envolvidos, assim como, para fazê-los conhecidos. Ou seja, sistematiza-se para socializar uma experiência e para documentá-la, evitando que esta se perca quando determinados projetos terminam, ou quando o ator social que estava responsável por essa experiência passa a se dedicar a outra atividade (Chavez-Tafur, 2007).

A sistematização de experiências agroecológicas cria ambientes fecundos para que os agentes diretamente envolvidos na ação reflitam, aprendam e aprimorem suas próprias intervenções. Neste processo, homens, mulheres, jovens, adultos, crianças, técnicos, pesquisadores e agricultores partindo do saber partilhado, formulam e reformulam seus pontos de vista, dão novo sentido à experiência prática e ao conhecimento ali gerado (Ribeiro et al, 2006).

A sistematização de experiências agroecológicas quando inserida num processo participativo de construção do conhecimento, deve identificar quais processos metodológicos possibilitam a construção coletiva e a socialização dos saberes. Esse desafio implica necessariamente na superação das abordagens difusionistas direcionadas a mera transferência de tecnologias pontuais, onde os métodos são prioritariamente voltados para a capacitação instrumental dos agricultores do que para a expansão de seus conhecimentos e de suas margens de liberdade para inovar (Petersen e Almeida, 2008).

Portanto, diferente das lógicas contemporâneas de difusão do conhecimento que impulsiona os sistemas convencionais, baseados hegemonicamente nos princípios da transferência de tecnologia, a agroecologia se constrói apoiada nas práticas e métodos tradicionais e na valorização de seus conhecimentos. Sua evolução se dá, a medida que os saberes populares e acadêmicos são efetivamente promovidos. Desta forma, a construção do conhecimento agroecológico é resultante de processos locais de inovação, aprimorados pela vivência das famílias e comunidades rurais em seus meios socioambientais. As Redes locais de experimentação, de troca de experiências e de organização social, fazem parte desse meio socioambiental de características próprias, onde as famílias se organizam em circuitos dinâmicos de troca e produção de novos conhecimentos (Freire, 2006).

As redes de agroecologia têm criado ambientes de interação social fecundos para o aprendizado com base na experimentação prática e no intercâmbio de conhecimentos entre agricultores e destes com técnicos, assessores e pesquisadores (Petersen e Almeida, 2008). É deste modo que o processo de sistematização de experiências, inserido nas redes locais de inovação tem se apresentado como atividade essencial para que o conhecimento agroecológico avance pela via da integração de saberes. Sendo este um processo necessariamente coletivo, que contribui para o resgate e a ordenação da memória das experiências vivenciadas conjuntamente, distinguindo seus erros, identificando suas potencialidades, extraindo ensinamentos inspiradores que construam um método coeso de intercâmbio do conhecimento ali gerado (Freire, 2006).

Os intercâmbios de conhecimentos podem ser agrupados em dois eixos: (1) Intercambio entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular; e (2) Intercâmbio entre os diferentes conhecimentos populares - de campesino a campesino. Ambos são processos de construção do conhecimento agroecológico, ainda pouco estudados e com escassos trabalhos disponíveis na literatura sobre os impactos desses métodos na construção da agroecologia. Observações de natureza empírica, experiências de países como México e Cuba (Giménez, 2008; Sosa et al, 2010) e documentos sistematizados de intercâmbios agroecológicos realizados nas diferentes regiões do Brasil apontam para um método com potencial teórico e prático de troca de saberes.

Deste modo, a agroecologia entendida como um novo enfoque capaz de construir um desenvolvimento rural baseado na sustentabilidade, vem desafiando técnicos, pesquisadores e agricultores na reformulação de técnicas e processos de construção do conhecimento que sejam alicerçados nas particularidades locais, na valorização dos saberes tradicionais, no respeito aos recursos naturais, na troca de saberes, na autonomia política das comunidades e na ética. Traz a tona a importância das redes sociais como processo que fomenta a interação entre os atores locais e o desafio de sistematizar os conhecimentos gerados nas experiências dos agricultores, assim como, nos espaços coletivos de intercâmbio e de construção do conhecimento agroecológico.

Estratégia de ação

O projeto está estruturado em quatro planos de ação - PA, sendo que todos apresentam-se integrados, visando a consolidação de um espaço sócio-técnico necessário para a efetivação da proposta.

O primeiro, PA Gestão, trata da gestão financeira e operacional do projeto. Será formado um comitê gestor do qual deverão participar todos os responsáveis por PA e ao menos um membro de cada instituição parceira do projeto,

inclusive os parceiros da sociedade civil organizada. O comitê gestor será coordenado pelo líder do projeto que deverá organizar uma agenda trimestral de reuniões com o objetivo de identificar dificuldades, soluções e estratégias que garantam o alcance dos objetivos do projeto. Dessa forma, permitirá o acompanhamento das atividades propostas em todos os Planos de Ação.

Para realizar a gestão da informação e do conhecimento gerado no âmbito do trabalho será concebida a criação de um site específico no Portal da Embrapa Tabuleiros Costeiros. Este procedimento irá disponibilizar de forma imediata as informações para retroalimentação dos ajustes necessários no processo de geração do conhecimento agroecológico em redes por meio dos intercâmbios. Adicionalmente, disponibilizará de forma generalizada todas as informações para o público externo.

O PA2, Identificação, sistematização e tipificação das experiências dos agricultores faróis, agricultores(as) que têm práticas agroecológicas de cultivo da terra no Território, trata de compor o grupo de agricultores que terão as experiências visitadas. Este plano de ação será coordenado pela Universidade Federal de Viçosa e envolverá os demais parceiros para colaborações programadas por meio de um planejamento estratégico, visando o alcance dos objetivos: (1) aproximação e contato com as lideranças/coordenação da rede; (2) inserção da equipe de pesquisadores/extensionistas na rede; (3) realizar oficina com os agricultores da rede para construir o entendimento de agricultor farol e identificá-los por meio de metodologias participativas; (4) visita nas propriedades dos agricultores indicados na oficina, para validar a indicação e efetivar o grupo de faróis da rede, (5) realizar oficina com os agricultores faróis para ajustar o método de sistematização das experiências; (6) Visitar as propriedades de todos os agricultores faróis; (7) Sistematizar as experiências dos agricultores faróis; (8) Tipificar e agrupar as experiências por princípios agroecológicos predominantes; (9) Divulgar por meio de boletim informativo todas as experiências sistematizadas.

Para monitoramento de atendimento das metas será elaborada uma relação dos agricultores identificados como faróis, um calendário de visitas para sistematizar essas experiências, relatórios de campo e boletins informativos.

As ações desse plano de trabalho irão preparar as bases para dar início aos intercâmbios (PA3) e no decorrer desse plano de ação a documentação e a reflexão da prática agroecológica já acumulam resultados para a análise da construção do conhecimento agroecológico em redes por meio de intercâmbios (PA4).

O PA3 trata da realização de intercâmbios entre os agricultores faróis e aqueles pertencentes à rede social de aprendizagem. Este plano de ação será fortemente apoiado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e envolverá os demais parceiros num planejamento estratégico visando atingir os objetivos propostos: (1) realizar oficina para apresentação dos resultados das sistematizações e construir metodologia e calendário de visita para intercâmbio; (2) realizar 30 intercâmbios entre agricultores faróis e agricultores pertencentes à rede; (3) realizar oficina para avaliação dos intercâmbios e indicação de novos agricultores faróis. O monitoramento de atendimento das metas se dará por meio de relatórios e sistematização dos intercâmbios.

Ao final dos intercâmbios acredita-se que, no decorrer dos anos, será dado um grande salto quantitativo e qualitativo de experiências agroecológicas. Estas serão difundidas com a finalidade de maximizar a adoção dos princípios e dar escala às experiências, pois à medida que o número de praticantes aumenta, avançam também as inovações agroecológicas, o empoderamento dos agricultores e a visibilidade de suas experiências.

Neste contexto, o PA4 tem o propósito de sistematizar a experiência de construção do conhecimento agroecológico em redes por meio dos intercâmbios. Essa ação é transversal a todo o projeto e se dará em todos os momentos. Essa ação será coordenada pela Embrapa e envolverá os demais parceiros para colaborações programadas por meio de um planejamento estratégico para o alcance dos objetivos: (1) Entrevistar por meio de um questionário semi-estruturado todos os novos agricultores faróis; (2) Visitar todos os faróis da rede, por meio de caminhada guiada, para avaliação das mudanças ocorridas por influência do intercâmbio; (3) Publicar artigos em congressos e revistas; (4) Produzir duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. O monitoramento de atendimento às metas se dará por meio da documentação técnico-científica produzida e dos relatórios de visita.

Metodologia

O projeto adotará como orientação geral das ações o enfoque sistêmico, onde serão realizados procedimentos de análise e retroalimentação das ações realizadas.

A primeira etapa do projeto será a identificação dos “agricultores faróis”, ou seja, daqueles agricultores que são referência em agroecologia. Nesse momento será necessário contatar as lideranças/coordenação das redes e discutir com eles o projeto em questão, os objetivos propostos, a inserção da equipe de pesquisadores/extensionistas nas redes, o contato e o trabalho com os agricultores, definindo estratégias e mecanismos de excelência para o êxito das atividades.

Dessa forma, após esse momento inicial, para facilitar o entrosamento, a relação de confiança e para entendermos o momento das redes se faz necessário a participação nas reuniões e atividades ordinárias organizadas por estas. Participar das atividades pressupõe uma tarefa anterior àquelas previstas pelo projeto, mas fundamental a elas, pois nesse momento a equipe irá compreender o processo vivido pelas redes, as expectativas geradas pelos agricultores, os desafios locais, a forma de organização e a dinâmica dos trabalhos. Esses conhecimentos prévios irão direcionar, porém sem limitar, o início do projeto.

Passados esses primeiros passos, de contato com as lideranças/coordenações das redes, de apresentação e discussão do projeto e de participação inicial nas atividades ordinárias da rede, é o momento de propor uma reunião para discutir com todos os agricultores o projeto. Nessa reunião é importante que de forma clara e objetiva os agricultores compreendam sua importância e sua centralidade nas ações desse projeto, que nada será construído sem eles, e assim, que se sintam confortáveis para discuti-lo. É importante usar imagens e exemplos correlatos durante a

apresentação do projeto.

O passo que se segue, para concretizar o objetivo de identificação dos agricultores faróis, é a realização de uma oficina com os agricultores das redes para construir o entendimento de Agricultor Farol e identificá-los por meio de metodologias de diagnóstico rápido participativo (DRP). A primeira etapa a ser desenvolvida será a compreensão de forma mais aprofunda da dinâmica local, no arcabouço de técnicas que constituem o DRP, é apropriado para a ocasião o uso da técnica “entra e sai” (VERDEJO, 2007), essa técnica permite identificar com cada agricultor o que planta, como planta, os insumos que utiliza e o que comercializa. Para que a técnica não tenha que ser aplicada a todos os agricultores, em conjunto será realizada uma seleção daqueles agricultores que sejam referência, nessa mesma plenária se confirmará ou refutará a indicação.

Em um momento posterior à oficina, após a identificação dos agricultores faróis, as experiências serão verificadas em campo. Durante essas visitas, outra ferramenta do DRP será utilizada, com a intenção de identificar outros agricultores faróis que não estejam inseridos nas redes. O método utilizado será o de “bola de neve”, que consiste em no final da visita perguntar ao agricultor se ele conhece mais alguém, naquelas redondezas, que possui as mesmas práticas, ou algo similar. Dessa forma a mesma pergunta será feita para cada agricultor, o desenrolar do processo pressupõe a criação de uma verdadeira bola de neve, que cada vez que caminha, aumenta e que é capaz de abarcar um grande número de experiências (Albuquerque et al., 2004).

Esses novos agricultores que possuem experiências agroecológicas, identificados pela ferramenta “bola de neve”, serão convidados para participar da rede, e assim, conclui-se a identificação do grupo de agricultores faróis das redes.

Após a identificação dos agricultores faróis, em oficina na rede de agroecologia, e por meio do método bola de neve, esses agricultores serão visitados para dar início ao processo de sistematização de experiências.

O processo de sistematização de experiências será realizado utilizando o método da caminhada guiada, onde o agricultor percorre sua propriedade guiando o grupo aos locais que na sua percepção são de maior importância. Este será um processo não só de documentação, mas também de reflexão sobre sua transição de estilo produtivo.

A sistematização de experiências agroecológicas, método utilizado para documentar ações, experiências, e processos de geração do conhecimento, cria ambientes fecundos para que os agentes diretamente envolvidos na ação reflitam, aprendam e aprimorem suas próprias intervenções. Neste processo, homens, mulheres, jovens, adultos, crianças, técnicos, pesquisadores e agricultores partindo do saber partilhado, formulam e reformulam seus pontos de vista, dão novo sentido à experiência prática e ao conhecimento ali gerado (Ribeiro et al, 2006).

A documentação do exposto pelo agricultor será baseada na metodologia descrita pelo caderno de sistematização de experiências (Chavez-Tafur, 2006) da ABA – Associação Brasileira de Agroecologia. Além disso, para cada experiência sistematizada será produzido um boletim informativo.

Para potencializar a reflexão durante a sistematização da experiência, será discutido anteriormente com o grupo de agricultores faróis o método da sistematização, permitindo nesse momento ajustes da metodologia de acordo com as propostas e sugestões dadas pelos agricultores.

Durante o trabalho de sistematização elegeremos na equipe dos pesquisadores três funções distintas: um relator; um facilitador e um observador. O objetivo dessa divisão é conduzir o processo de sistematização da forma mais natural possível, e no formato de um bate-papo, onde o agricultor é o sujeito pleno de suas ações e o facilitador é o provocador das reflexões.

As experiências sistematizadas serão tipificadas em grupos temáticos, diferenciadas de acordo com o princípio agroecológico predominante.

O intercâmbio agroecológico será realizado após a sistematização das experiências dos agricultores faróis. Inicialmente, em oficina com todos os agricultores serão apresentados os resultados da sistematização, para contribuições e sugestões. Dessa forma será construído e discutido um roteiro de observações, a metodologia que será utilizada nos intercâmbios e as expectativas dos agricultores. Ainda nessa oficina será construído um calendário de visitas de intercâmbio, intercalando experiências mais avançadas na transição agroecológica com aquelas que ainda estão se consolidando.

Para viabilizar a troca do conhecimento, serão realizados os intercâmbios agroecológicos, baseados no método Campesino a Campesino (Giménez, 2008). O método Campesino a Campesino vem sendo desenvolvido há cerca de 20 anos em países como Nicarágua, Cuba e Chile, tem como princípio o desenvolvimento da construção do conhecimento agroecológico realizado de agricultor para agricultor, ou seja, o agricultor em um ambiente de troca de experiências torna-se o principal agente do processo, ensinando e aprendendo, expõe os desafios e as potencialidades de sua dinâmica no agroecossistema em questão.

O método é baseado ainda nos ensinamentos de Paulo Freire que usa a comunicação horizontal entre “educador-educando”, combinada com uma práxis de ação-reflexão-ação para a construção de novos conhecimentos (Freire, 2006).

Os intercâmbios serão mensais, com duração de um dia, onde cada um dos agricultores faróis receberá em sua propriedade os demais agricultores pertencentes a rede.

As visitas de intercâmbio se organizarão de forma que na parte da manhã faremos a visita em campo, onde o agricultor farol vai expor sua experiência pormenorizando o manejo, a técnica utilizada para implantar aquela área, os insumos que utiliza, como faz e por que faz daquela forma. Os demais agricultores deverão, a todo momento perguntar,

questionar as técnicas, expor sua opinião sobre o exposto e narrar outras experiências correlatas.

Na tarde será realizada uma assembléia, e, de forma organizada, os agricultores que estão visitando a experiência irão relatar o que observaram, o que aprenderam, e opinarão sobre as melhorias e técnicas possíveis para otimizar a experiência. Nessa assembléia os pesquisadores/extensionistas serão os mediadores e farão as perguntas geradoras, provocando a discussão sobre pontos relevantes que não foram levantados pelos agricultores.

Ao final de cada visita será realizada uma avaliação do dia e sugestões para os próximos intercâmbios. O objetivo é construir uma metodologia cada vez mais adequada a realidade daquele grupo de agricultores.

Durante as visitas a construção do conhecimento agroecológico se dará por meio da troca de saberes e experiências entre os agricultores e pesquisadores. Todo o processo será minuciosamente relatado. Para isso teremos dois pesquisadores relatores, e dois pesquisadores observadores, que se inserirão no grupo dos agricultores e após o intercâmbio se reunirão para sistematizar o documento referente àquela atividade. Será feito um esforço para registrar a informação da forma mais fiel possível utilizando sempre que necessário o discurso direto, feito com trechos de frases na íntegra, ditas pelos agricultores.

Para garantirmos a continuidade dos intercâmbios ao longo dos anos, aqueles agricultores que adotarem princípios agroecológicos em suas áreas, automaticamente serão os novos faróis e terão as suas propriedades visitadas. Dessa forma inicia-se um novo ciclo, pois essas experiências também serão sistematizadas e posteriormente intercambiadas.

Com isso, acredita-se que no decorrer dos anos, será dado um grande salto quantitativo e qualitativo de experiências agroecológicas. Estas serão difundidas com a finalidade de maximizar a adoção dos princípios e proporcionar um aumento de escala das experiências, pois assim que o número de praticantes aumenta, avançam também as inovações agroecológicas, o empoderamento dos agricultores e a visibilidade de suas experiências.

A sistematização da experiência de construção do conhecimento agroecológico em redes por meio dos intercâmbios é uma ação transversal ao projeto, ela se dará a todo o momento e se encerrará ao final de três anos, tempo de duração do projeto.

Serão analisados os relatos e sistematizações de todos os intercâmbios e as conseqüências desses, para isso será feita a avaliação das melhorias do sistema de produção dos agricultores faróis. A avaliação será feita em dois momentos, avaliando o sistema de produção do agricultor visitado e o do novo farol. É possível perceber essas mudanças por meio da identificação do processo de entrada na transição por parte dos agricultores participantes quando esses se tornam também faróis da rede e pelas alterações implementadas pelos primeiros agricultores faróis.

No momento da sistematização das experiências, será utilizado um questionário semi-estruturado para identificar em qual momento esse agricultor resolveu adotar os princípios agroecológicos, quais princípios foram adotados e o que o levou a mudar seu estilo de produção, buscando dessa forma compreender a importância do intercâmbio nesse processo.

Ao reunir todo material sistematizado durante o projeto será realizada uma oficina de encerramento do projeto. Nessa oficina será discutido com eles de que forma se deu o processo de construção do conhecimento agroecológico em rede e por meio dos intercâmbios.

Essa oficina trará o resgate de todas as informações coletadas durante o projeto, e serão apresentadas por fotos, relatos e sistematização das experiências, o resultado de todas as ações e junto com os agricultores será elucidada a forma como se dá a construção do conhecimento agroecológico em redes e por meio dos intercâmbios.

Pretende-se também com esse encerramento estimular e encorajar os agricultores a continuarem de forma permanente os intercâmbios.

Impactos potenciais

A preocupação do projeto com os impactos da intervenção sócio-produtiva está consolidada no PA 4 "Sistematização da experiência de construção do conhecimento agroecológico em redes por meio dos intercâmbios", possibilitando a compreensão do papel das redes e do intercâmbio na adoção, socialização e construção do conhecimento agroecológico no processo de desenvolvimento local, assim como, do impacto social proporcionado pela abordagem metodológica proposta.

Portanto, mais do que uma documentação de experiências de sucesso, esse projeto pretende valorizar o conhecimento dos agricultores, para reposicionar as soluções encontradas por estes e criar um ambiente que possibilite a construção efetiva do conhecimento. O projeto contribui na proposição de novas estratégias metodológicas para o trabalho em redes de agricultores a partir da territorialidade e identidade rural.

As inovações agroecológicas e, aquelas relacionadas à gestão social, propiciadas pelo projeto contribuirão para um novo estilo de desenvolvimento com equilíbrio ambiental por meio de profundas alterações no sistema de produção atual, como, aumento da agrobiodiversidade, incorporação do elemento arbóreo aos sistemas agrícolas, não dependência de insumos externos, e a eliminação do uso de agrotóxicos. Isso se dará, no aspecto econômico, pela identificação de modelos de intervenção com menores custos relacionados aos insumos e otimização dos processos naturais no aumento da produtividade e qualidade dos produtos. No aspecto social a transformação da forma de interlocução entre os atores da pesquisa, extensão e os agricultores, dentro da lógica da territorialidade contribuirá para novas formas de gestão social. Por fim há expectativa de potencial avanço no aspecto ecológico devido ao emprego de conhecimentos, tecnologias e produtos, de base ecológica.

Envolvimento do setor privado

O desenvolvimento do projeto se dará, principalmente, em estreita relação com os atores sociais que compõem o Colegiado Territorial, em especial com as associações de assentamentos e de pequenos agricultores sem envolvimento direto, num primeiro momento, com atores da iniciativa privada.

Medidas de segurança ambiental, biológica e pessoal

Não se aplica.

Riscos e dificuldades

Poderá se deparar no início do projeto com a rejeição da proposta por parte da rede de agricultores, inviabilizando assim o início do projeto já que o andamento deste depende da aceitação e participação coletiva da rede. Para sanar essa dificuldade há a possibilidade de estender a fase inicial que contempla a aproximação da equipe do projeto com a rede de agricultores para ampliar o número de experiências exitosas que são construídas no contexto territorial, que por sua vez, podem ser valoradas positivamente pelos agricultores nos intercâmbios propostos pelo projeto.

Uma outra dificuldade pode ser um reduzido número de experiências agroecológicas de sucesso no Território, este risco poderá ser contornado tornando-se os novos agricultores faróis destino de novos intercâmbios para reiniciar assim o processo.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de.; ALENCAR, N. L. Métodos e Técnicas para coleta de dados etnobotânicos. ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. Recife: NUPEEA, p.41-72, 2004. 324p.

CAPORAL, Francisco Roberto; Costabeber, José Antônio, Agroecologia: alguns conceitos e princípios, Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, 24p.

CHAVEZ-TAFUR, Jorge. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil: AS-PTA, 2007, 58p.

FREIRE, Adriana Galvão; Construindo conhecimentos a partir das práticas. Revista Agriculturas, v.3, nº2, 2006. P.4-5.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 2008. p. 294

MATTOS, Luciano; Didonet, Agostinho Dirceu; Baggio, Amilton João; Machado, Altair Toledo; Tavares, Edson Diogo; Coutinho, Heitor Luiz da Costa; Canuto, João Carlos; Gomes, João Carlos Costa; Espindola, José Antônio Azevedo; Ribeiro, José Felipe; Wadt, Lúcia Helena de Oliveira; Borba, Marcos Flavio Silva; Kato, Maria do Socorro Andrade; Urchei, Mário Artemio; Kitamura, Paulo Choji; Peixoto, Ricardo Trippia de Guimarães. Marco Referencial em Agroecologia. Brasília, DF: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2006.

PETERSEN, Paulo & Almeida, Edinei de. Revendo o conceito de fertilidade: Conversão ecológica do sistema de manejo dos solos na região do Contestado. Revista Agriculturas, v. 5, nº 3, 2008. P. 16-23.

RIBEIRO, Simone; Monteiro, Fernanda Testa; Ferrari, Eugênio A. Sistematização de experiências: saber partilhado. Revista Agriculturas, v.3, nº2, 2006. P. 22-24.

SOSA, Braulio Machín; Jaime, Adilén María Roque; Lozano, Dana Rocío Ávila; Rosset, Peter Michael. REVOLUCIÓN AGROECOLÓGICA: El Movimiento de Campesino a Campesino de la ANAP en Cuba. La Habana, 2010. P. 82

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Secretaria da Agricultura Familiar, 2007.

Outros projetos e financiamentos

Este projeto não possui recurso de outras fontes, após esta submissão buscará apoio financeiro para ampliar suas ações.

Informações adicionais

Este projeto se alinha de uma forma concreta e eficaz com a meta da política pública de erradicação da miséria, porque dissemina de uma maneira simples e eficiente, conhecimentos agroecológicos para produção de alimentos que contribui para garantir a soberania e a segurança alimentar no País.

Lista de Anexos

Identificação ↕	Nome do Arquivo ↕	Operação
-----------------	-------------------	----------

Plano de Ação e Atividades

Questionários

Questionário: Aspectos Regulatórios

Instruções do Questionário:

1. Acesso ao Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado: A Medida Provisória nº. 2.186-16 e suas regulamentações alcançam todas as atividades de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico realizadas mediante a utilização de amostras de patrimônio genético coletados em condições in situ, inclusive domesticado, ou mantido em coleções ex situ, desde que tenham sido coletados no território nacional, na plataforma continental ou na zona econômica exclusiva. Ou seja, aplica-se a todas as atividades envolvendo acesso ao patrimônio genético NATIVO, de origem animal, vegetal e microbiano, independentemente da data da coleta das amostras. Todo os microrganismos originalmente coletados no país são considerados nativos pela referida legislação. Por Conhecimento Tradicional Associado entende-se informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético - (Inc. II do Art. 7º da M. P. n.º 2.186-16, de 2001). **2. Biossegurança:** A Lei nº. 11.105 (Lei de Biossegurança) e suas regulamentações estabelecem normas de segurança e mecanismos de fiscalização de atividades que envolvam Organismos Geneticamente Modificados – OGMs, bem como dão outras providências.

Pergunta 1

Instruções:

A execução do presente projeto envolve a utilização de patrimônio genético nativo ou de conhecimento tradicional associado?::

Não Sim, Conhecimento Tradicional Associado Sim, Patrimônio Genético Sim, ambos

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Pergunta 2

Instruções:

A execução do presente projeto envolve a utilização/geração de Organismo Geneticamente Modificado – OGM?:

Não Sim

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Questionário: Aspectos de Propriedade Intelectual

Instruções do Questionário: do Responda de forma objetiva e clara as questões relacionadas a propriedade intelectual.

Pergunta 1

Instruções:

RESULTADOS ESTIMADOS DO PROJETO: estimar se há resultados técnicos (tecnologias) previstos passíveis de proteção intelectual.:

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Pergunta 2

Instruções:

LEVANTAMENTOS DE BASE AO PROJETO: especificar a realização de buscas preliminares de anterioridades e análises comparativas tecnológicas.:

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Pergunta 3

Instruções:

COMPONENTES TECNOLÓGICOS DE TERCEIROS: estimar a necessidade da realização de estudo relativo ao uso de produtos e métodos/processos tecnológicos de propriedade intelectual de terceiros previstos na obtenção dos resultados do projeto.:

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Pergunta 4

Instruções:

NEGOCIAÇÃO PRELIMINAR: especificar a negociação preliminar efetuada no que tange à participação dos parceiros (se houver) sobre a apropriação (titularidade e/ou participação na exploração comercial/econômica) dos resultados estimados do projeto.:

Responder a essa pergunta é obrigatório?: Sim

Peso:

Orçamento

Resumo de Orçamento - Solicitado

Plano de Ação	Custeio	Investimento	Total
Total:			

Resumo do Orçamento - Contrapartida

Plano de Ação	Custeio	Investimento	Total
Total:			

Resumo do Orçamento - Outras Fontes

Plano de Ação	Custeio	Investimento	Total
---------------	---------	--------------	-------

Total:

Quadro de Desembolso - Custeio

Ano	Valor
-----	-------

Total:

Quadro de Desembolso - Investimento

Ano	Valor
-----	-------

Total:

Detalhes do Orçamento por Plano de Ação